

## ASSIGNATURAS

CAPITAL  
Semestre . . . . . 4\$000  
PHLO CORREIO  
Anno . . . . . 9\$000  
Numero avulso 200 réis  
Pagamento adiantado

## SUL-AMERICANO

## REDACÇÃO

RUA TRAJANO, N. 10 B

A assignatura póde começa  
em qualquer dia, mas  
acaba sempre em fim de  
Março, Junho, Setembro ou  
Dezembro.

ORGÃO IMPARCIAL

PROPRIETARIO: FRANCISCO D'ASSIS COSTA — REDACTORES: DIVERSOS

## 7 de Setembro

Esta data é, inquestionavelmente, a mais brilhante da nossa historia politica.

Ella lembra a independencia de um povo, a formação da nossa nacionalidade, o patriotismo dos que se bateram com denodo pela liberdade do Brazil. Um pygmeu continha pelo despotismo um gigante, fadado para evoluir, para representar entre as nações do glóbo um papel invejavel.

Libertar esse gigante, quebrar as cadeias que o prendiam ao pygmeu ousado, era o dever dos que amavam o Brazil, o solo fecundo, a terra prodigiosa, o paiz das grandezas invejaveis!

E esse dever foi satisfeito!

Almas confinadas pelo nobre sentimento patrio, espiritos resolutos, dispostos a dar a vida em holocausto pela liberdade da Patria, affrontando o despotismo da metropole portugueza, as suas iniquidades, as suas condemnações, os seus rigores—levantaram a propaganda da —Independencia do Brazil—com a convicção dos grandes espiritos, com a coragem d'aquelles que tem consciencia de que luctam por uma nobre e generosa ideia.

E esta, conflagrando o paiz preso ás cadeias da metropole portugueza, deu-nos o immortal 7 de Setembro, que constitue a mais brilhante pagina da historia da nação brasileira.

E, com effeito, para um povo que quer evoluir, não ha facto mais importante do que o da sua independencia.

Saudemos, pois, o sol que nasce, esse sol brilhante, que espadanando a luz pelas florestas brasileiras, surge alegre no horisonte, como alegre se mostra o Brazil, festejando a sua *Independencia!*

Salve! 7 de Setembro!

D

## O 7 DE SETEMBRO

A arvore da liberdade, regada pelo sangue dos martyres, de entre os quaes se destaca a figura colossal do Tiradentes, produziu varios fructos, sendo os principaes o 7 de Setembro, o 13 de Maio e o 15 de Novembro.

Datas gloriosas produzem datas gloriosas: o 15 de Novembro, é consequencia do 13 de Maio; o 13 de Maio, é consequencia do 28 de Setembro; o 28 de Setembro, é consequencia do 7 de Setembro; o 7 de Setembro, é consequencia do 21 de Abril.

A. P.

## BAZAR

A commissão promotora do bazar em favor do Hospital de Caridade, publica hoje em outro logar desta folha, uma declaração explicando o motivo por que deixou de se realizar hontem aquella festa.

A mesma commissão, por nosso intermedio, convida as exmas. familias a visitarem o armarinho Vilella onde se acham expostas as prendas, pois para isso aquelle estabelecimento conservar-se-ha aberto até ás 8 horas da noite.

## RELOGIOS DO SOL

Os relogios do sol, ou quadrantes solares, não foram inventados por Anaximenes no anno 547 antes de Christo, mas provavelmente este philosopho jonio tornou os conhecidos em Athenas.

A invenção de que nos occupamos é de data muito mais antiga, pois na Biblia lê-se (Reis, cap. XX) que o propheta Isaias fez retrogradar a sombra no quadrante solar de Achaz.

Reinava então Ezechias, e contava-se o anno 709 da citada era.

E' de suppor que tambem os judeos não fossem os inventores deste instrumento, mas que o houvessem de outros povos, por ventura assyrios ou babilonios, a cuja epocha remonta a divisão do tempo em mezes, semanas, horas, minutos e segundos.

A retrogradação de que falla a Biblia foi por muitos seculos tida como um estupendo milagre operado por Isaias; mas, como todos os outros milagres veridicos, elle está hoje ao alcance de qualquer pessoa, desde que se dê ao quadrante solar uma inclinação calculada segundo a latitude do lugar.

E' provavel que Isaias ignorasse este processo theorico, e que ao acaso devesse sómente a producção do phenomeno que maravilhou os seus espectadores.

S. J.

## CONFITENTE

A' FRANCINA

Amor é o unico extase.  
Tudo mais chora.

(Victor Hugo)

Senhora! Si amar é crime,  
Sou um grande criminoso;  
Mereço pena severa,  
Um castigo rigoroso.

Amo a luz do sol ardente,  
Amo o perfume das flores,  
Amo o suave gorgoeio  
Dos plumigeros cantores.

Amo o murmuro das aguas  
De crystallino ribeiro,  
Amo das doces abelhas  
O sussurro prazenteiro.

Amo o farfalhar das folhas  
De verdejante arvoreda,  
Amo o ruido da vaga  
A quebrar-se no rochedo.

Amo o plectro de Castilho,  
De Murillo amo o pincel,  
Amo a batuta de Verdi,  
De Canova amo o cizel.

Amo os suspirosos tarenos  
De tua inspirada lyra,  
Amo a tua voz sonora  
E teus olhos de saphira!...

Orpheu.

## 7 DE SETEMBRO EM PARIS

Em commemoração da data gloriosa da nossa emancipação politica, devia ter-se realizado hontem, em Paris, uma viagem aeronautica pelo nosso distincto compatriota Santos Dumont, que desde algum tempo tem chamado sobre si a attenção não só da capital franceza mas de toda a Europa, pelos seus trabalhos sobre a dirigibilidade dos balões.

São os nossos mais ardentes desejos que essa viagem, verdadeira conquista dos ares pelo homem, tenha se realisado sem o menor accidente, e de accordo com as esperanças do notavel engenheiro, para gloria da nossa patria, que orgulha-se de ter em Bartholomeu de Gusmão o iniciador da aeronautica.

## «A Estação»

Correspondente á segunda quinzena de Agosto, recebemos o n. 16 d' *A Estação*, que já conta trinta annos de publicação e que cada vez mais procura tornar-se agradável aos seus assignantes.

## LIGA OPERARIA

Como havia sido noticiado, domingo ultimo, a banda de musica desta associação fez um passeio ao continente, sendo recebida pela sua co-irmã *União Josephense*, que acompanhou ás Campinas, onde fez exercicios de marcha seguindo d'ahi para S. José, e regressando ás 4 horas da tarde.

As 8 horas da noite, desembarcavam no trapiche municipal desta cidade, que se achava repleto de pessoas.

Muito satisfeita deve estar a sua directoria por ver coroados os esforços que empregou no organização dessa banda, que fez grandes progressos nos poucos mezes que teve de ensaios.

A continuarem a boa vontade e o gosto que notamos em todos os que a compõem, muito breve vel-a-hemos fazendo as delicias do povo catharinense.

## O 7 DE SETEMBRO

Ainda echôa o grito—Independencia ou morte! —  
O grito gigantesco, o grito colossal,  
Que fez estremecer o velho Portugal,  
Abatendo-lhe o imperio e denegrindo a sorte!  
Poude o escravo Brazil já fazer-se bem forte,  
Para quebrar o jugo.—o jugo vil, fatal!  
E já da Independencia o Hymno triumphal  
Ouvia-se em todo o Sul, ouvia-se em todo o Norte!  
Por isso, entusiasta, eu dos moços relembro  
O grito do Ypiranga em sete de setembro,  
O dia em que ficou libertado o Brazil!  
Tirae vossos chapéus, curvae-vos reverentes,  
Que *D. Pedro primeiro* é o proprio *Tiradentes*;  
Que *Sete de Setembro* é *Vinte-um de Abril!*

A. P.

## A GUERRA DE CAROS

POEMA DE OSSIAN

Bardo gaelico do 3º século

Tradução do francez por Joaquim Tebyriçá

(Continuação do n. 98)

«—A que logares, exclamou o jovem, irei eu procurar a gloria para alegrar a alma de meu pai? De que paiz posso eu voltar triumphante para encantar-lhe os ouvidos com o ruido das minhas armas? Si eu fôr á caça das corças, o meu nome ficará no esquecimento. Lamor não sentirá alegria alguma á minha volta da collina, e não terá prazer em apalpar com as suas tremulas mãos os meus cães fieis; não se informará do que se passou nas montanhas, não me fará perguntas sobre os cervos que habitam os seus desertos

«—E' pois mister, diz Lamor, que eu tombe como uma arvore decrepita, que se erguia sobre o cimo de um rochedo, e que os ventos com um sopro derribaram! Verme-ão a sombra vaguear por sobre as minhas collinas, deplorando a vergonha do meu joven Hidallan! Levantai-vos, pois, densos nevoeiros; furtai Hidallan ás vistas do seu pai irritado. . . . Meu filho, vai a meu palacio; estão lá suspensas as armas dos nossos antepassados. Traze o gladio de Germalon, teu avô; elle o conquistou a um inimigo.

«Hidallan parte, volta trazendo o gladio com o seu brilhante talabarte, e entrega-o a seu pai. A mão vacillante do ancião procura-lhe a ponta, sente-a e ali pára.

«Meu filho, conduz-me á tumba de Germalon: ella se ergue perto d'aquella arvore de folhagem tremula: eu ouço sibillarem os ventos na relva murcha que a cobre; junto d'ella murmura um regato cujas aguas vão juntar-se ás do Balva. E' ali que eu quero descansar. E' meio-dia e o sol cresta as nossas campinas.»

«Hidallan conduz o ancião até á tumba. Mal chegam a ella, e Lamor atravessa o corpo de seu filho. . . . Ambos dormem no mesmo tumulo, e o seu velho palacio cobre de ruínas as margens do Balva. Ao meio-dia erram os phantasmas em redor. Reina o silencio no valle, e os homens temem approximar-se desse lugar funesto.»

Assim fallou Ryno.

«Cantor dos heróes, diz-lhe Oscar, a tua narração me afflige: o meu coração geme pela sorte de Hidallan, porque elle morreu nos bellos dias da sua mocidade. Olha; elle vóa nas azas dos ventos, e vai vaguear sob um céu estranho.

«Filhos de Morven, aproximai-vos dos inimigos de Fingal: suavisaí com os vossos cantos o comprimento da noite, e velai para observar o exercito de Caros. Oscar vai consultar os heróes do tempo passado: vou subir a colina silenciosa de Arven, onde os meus avós estão sentados em suas nuvens obscuras, e descubrem no futuro a sorte dos combates. E tu, Hidallan, habitará por ventura ahi a tua sombra desolada? Mostra-te a meus olhos em tua dôr, chefe do Balva!

Os heróes de Morven marcham cantando. Oscar sobe lentamente a collina: os pallidos meteoros da noite avançam pelo matagal. Uma torrente sussurra surdamente ao longe; d'espaco a espaco, os ventos fazem gemer os carvalhos antigos.

O globo chanfrado da lua não lançava por detraz da collina senão uma claridade obscura e avermelhada. Ouvem-se as vozes agudas dos phantasmas. . . .

Oscar desembainha a espada. «Sombras de meus paes, exclama o heróe, vós que outr'ora combatestes os reis do mundo (1), vinde desvendar o futuro a meus olhos; dizei-me o que segredais em vossos antros profundos, quando vêdes os vossos descendentes no campo da gloria.»

Tremor acode á voz do seu filho. Uma nuvem rapida como o orgulhoso corcel do estrangeiro sustinha o seu corpo diaphano. As brumas de Lano formavam-lhe ligeira veste. A sua espada é um meteoro meio extincto. O rosto é uma forma tenebrosa e sem feições. Tres vezes suspirou junto a seu filho, e tres vezes os ventos da noite gemeram na collina. Fallou, mas os ouvidos de Oscar não ouviram mais do que sons imperfeitos, palavras incompletas, e as suas fallas eram obscuras como a historia de nossos paes, antes do genio dos bardos ter esclarecido o passado. Dissipou-se insensivelmente, tal um nevoeiro que se funde aos raios do sol.

Foi então, oh! Malvina, que uma sombra dor apoderou-se, pela primeira vez, da alma do meu filho. Julgava ver no futuro a queda da sua raça. Cahia algumas vezes em uma abstracção profunda; mas della sahia de repente, como o sol, de que uma nuvem encobre por um momento o esplendor, e que logo depois inunda as collinas com um oceano de raios.

(1) Os imperadores romanos.

(Continúa.)

### «O Economista»

Temos sobre a meza o numero 24, anno II, desta importante revista quinzenal de sciencias politicas e sociaes, finanças e industria. Traz um magnifico summario e estampa em sua primeira pagina o retrato do Sr. Francisco Matarazzo, um dos primeiros industriaes do Estado de S. Paulo, onde vê a luz esse collega, que a 31 do passado completou o seu segundo anniversario, por cujo motivo enviamos-lhe as nossas saudações.

BELLEZAS FEMININAS. — Lindissimas cabeças em chromo-lytographia — GABINETE SUL-AMERICANO.

Do norte da Republica, chegaram ante-hontem no paquete Santos o cidadão José Lino Alvares Cabral, conceituado negociante desta praça, e o Dr. Celso Bayma, nosso conterraneo.

Com sua exma. esposa, chegou no paquete Santos, da Capital Federal o illustre clinico Dr. Urbano da Motta.

## HOSPITAL DE CARIDADE

(Continuação do n. 98)

Prendas enviadas para o bazar em beneficio do Hospital de Caridade, pelas Exmas. Sras. DD.:

Lucinda Boiteux, um porta luvas de setim; Ingleza Motta, duas cestinhas de flores de conchas; Alice von Ziegner, um quadro bordado a fogo; Henriette Vahl, uma boa de penna; Agnes Todeschini, uma gravata de seda bordada; Dulce Aducci, uma lyra flores de conchas; Rita de Oliveira Lima, uma caixa com extracto e sabonete; Olinda Lima, um cobre bulle; Edith Neves, uma toalhinha para album; Julia Neves, um porta extracto com flores; Maria Thereza Riera, um vaso pintado a aquarella; Pura C. Sala, uma almofada setim pintura a oleo; Candida Nunes Pires, um castiçal porcellana; Guilhermina Nunes Pires, um porta cartão de vidro; Germana Meyer, um porta alfinete de setim; Philomena Bittencourt da Silveira, um par de vasilhos; Maria Alice da Silveira, uma toalha de crochet; Maria Emilia da Silva, uma toalhinha para album; Jacintha Caldeira F. Souto, uma cruz de flores de conchas; Cordolina Ferreira Souto, uma toalhinha para lampeão; Maria do Carmo Caldeira, uma toalhinha para bidet; Maria Coleta da Costa, um porta cartão de espelho; Carlota Leopoldina de Freitas, um estojo com copo; Uma anonyma, um par de vasilhos; Maria Adelina Lobo, um porta joias; Isaura Lobo de Oliveira, um porta violetas; Emilia Augusta da Luz, um par de cornucopias; Julieta Lobo da Siveira uma almofadinha para toilette; Joanna da Luz, dous copos com inscripção; Eulalia Lobo da Silveira, uma toalhinha de frivolité; Sybilla Lobo Haberbeck, uma toalha de filó bordada a seda; Aricia da Costa Moellmann, uma fructeira metal do principe; Clara Moellmann, dous copos com inscripção; Francisca Cardoso, uma mantegeira a fantasia; Carolina F. da Silveira, uma garrafa lavrada para vinho; Alcina C. Ferreira, um prato para doces; Philomena Barroso, um porta relógio flores de couro; Natércia Aurora da Costa, um estojo com copo; Delfina da Costa Vilella, uma almofadinha de setim; Lily Ramos, um porta cartão bordado; Olga Ramos, um porta cartão bordado; Maria Emilia Bruno, um porta cartão a fantasia; Alice da Luz Siqueira, uma almofada bordada a lã; Dolores Rodrigues Fernandes, um abajout de papel; Maria das Dores M., uma toalha de filó; Uma anonyma, um paliteiro porcellana; Floriana Caldeira, uma lamparina de porcellana; Gillette Barros, um porta alfenetes porcellana; Lisbella A. de Mello, uma jarra para agua; Claudina Horn, uma toalha para album; Maria Ottilia Schneider, uma mantegeira de vidro; Alice Pires, um porta cartão papel bristol; Candida de Almeida, uma fructeira de vidro; Alice da Silva Fausto, um terno para toilette; Anna Hoepck 50\$000; Henriqueta Piracuruca, 10\$000; Rosalia Richard, 10\$000; Georgina da Silva Tavares, 10\$000; Amelia Mendonça, 10\$000; Olindina Mendonça, 10\$000; Amelia Candida da Silveira, 5\$000; Francisca A. de Souza Telles, 5\$000; Ambrosia Alves Vieira, 5\$000; Olga Stuart, 5\$000; Maria Thereza de Jesus, 5\$000; Domiciana Alves de Souza, 5\$000; Laura Born da Silva, 5\$000; Maria Augusta da Costa, 3\$000; Uma devota, 3\$000; Maria das Dores Lobo, 3\$000.

Srs.:

Oscar Lima, uma almofada de setim bordada; Julian Roberto Riera, uma violinha com pintura; Theodoros Augusto da Costa, um copo para toilet; Estevão Pinto da Luz, 20\$; Manoel José Soares, 20\$; João dos Santos Mendonça, 10\$; Francisco Antonio Sommer, 10\$; Manoel Modesto da Rocha, 5\$; Um devoto, 5\$; Capitão Gonçalo Muniz Telles, 5\$; Joaquim Tertuliano Vieira de Souza, 5\$; Pedro Tippié, 5\$; Rodolpho A. Figueredo, 5\$; Mathias da Silva, 5\$; José Mathias, 5\$; Um anonymo, 5\$; Ernesto Feliciano Soares, 2\$; Pedro Amancio da Luz, 2\$.

Consta-nos que o Grupo Dramatico Cruz e Souza realizará no Alvaro de Carvalho um espectáculo em beneficio da Igreja matriz na quinta-feira proxima.

Consta-nos estar nomeado Delegado Fiscal do Thezouro Federal no Estado do Paraná o nosso distincto amigo e collaborador Sr. Caetano Alberto Munhoz, que exerce egual cargo neste Estado.

Felicitamolo

Procedente da cidade de Santos chegou ante-hontem a esta capital a exma. sra. d. Maria das Dores Alves, digna irmã do nosso amigo Durval Alves.

Comprimentamol-a

## Aves curiosas

Entre as aves aquáticas que apparecem aqui durante o inverno avultam as do genero *larus* e algumas especies de mergulhões.

São por demais conhecidas as gaivotas, (*larus*) que em bandos numerosissimos affluem às nossas praias em procura de restos animaes, de que se alimentam.

As pequenas, que são inteiramente brancas com uns sombreados escuros no dorso, não permittio Deus a emissão de um unico som; mas como compensação as grandes, de dorso negro, gritam muito e fazem uma algazarra que é agradável de ouvir. Chamamos às grandes de *maria velha*, ignorando a origem d'este nome.

Existe tambem uma especie pequena de cabeça preta, mais rara que as outras e uma maior do que esta toda escura, de uma côr suja.

Quando as *maria velha* gritam muito é que alguma tempestade está imminente.

Os mergulhões, grandes aves escuras de peito e ventre brancos, de vôo rapido, passam em grandes magotes, todas as tardes do lado do norte para o sul.

Quando o vento é norte ou nordeste essas aves voam ao largo e alto, mas se é do sul ou de sudoeste voam proximos a praia e a pouca altura do solo.

Acompanhando os bandos de mergulhões andam sempre as taes gaivotas escuras, gaivota que pelo seu modo de vida mereceu dos pescadores o nome de *gaivão do mar*.

Essa ladra afada parece que advinha qual o mergulhão que tem no papo uma manjuva, um peixe rei ou outro qualquer peixinho, pois que vemos dirigir-se de preferencia ao mergulhão que por ultimo immergiu e dar-lhe caça, da mesma maneira que um açôr pratico com as pombas.

É curioso ver-se um mergulhão perseguido pela gaivota escura, que não o abandona enquanto não faz vomitar o que comeu, consistindo esses vomitos o unico alimento d'aquella terrivel preguiçosa dos ares.

O perseguido emprega mil meios para furtar-se aos ataques do inimigo; descreve mil voltas e angulos no espaço; deixa-se cahir com uma rapidez vertiginosa sobre a superficie das aguas; ergue-se de novo e dirige seu vôo ligeiro para o alto; mas de nada lhe serve o poder de suas pontudas azas, porque o seu inimigo de vôo mais rapido alcança-o sempre e consegue a victoria final.

Nota-se então que a vencedora fica enormemente satisfeita. Voa para o largo e senta sobre a flor das aguas, batendo de vez em quando as azas de contente.

Observando um d'esses ataques ao pacifico viajante dos ares, ao meu espirito acudio a lembrança d'esses dramas parados nas solidões onde uma turma de bandidos, de facinorosos impede o passo ao viajero, exigindo-lhe a bolsa ou a vida.

Mas, poderemos anathematizar aquella ave pelo modo de vida depredador que tem?

Não, de certo, visto como o grande Deus a criou assim; mas se não podemos amaldiçoar ao volátil, pois que isso implicava n'uma grave offensa ao Altissimo,

não approvaremos o procedimento desses bandidos humanos que infestam os lugares transitados, e que levam uma vida de assassinio e furtos, porque a criatura humana foi creada para o bem e não para as fevocidades felinar.

Deixemos, porem, de afastar-nos do assumpto d'este artigo, e tratemos de passar uma rapida vista sobre outras aves curiosas.

No meio d'esses numerosissimos passarinhos que povoam os nossos prados, hortas e capinzaes, distingue-se, por uma particularidade do seu viver, o pequeno *ticotico*, ave canora do genero *pardal*. Uma outra tambem, maior do que aquella, toda negra o macho e cor d'azeitona a femea, ave a que chamamos *virabosta* é um grande *intruso*, um *impiadoso* semelhante a essas mães que para encobrirem a vergonha de um erro, commettem o lastimavel crime de engeitar o fructo dos seus clandestinos amores.

Os *ticoticos*, que entre os volateis tão bem representam o caridoso papel d'essas almas bem formadas, que recebem e criam com desvelo, com carinho igual ao que se dá ao proprio filho, o ergeitado que encontrou na sua porta, são as victimas do inhabil passaro negro.

O pardal nosso (*ticotico*) é tão commum entre nós como popular é o pardal europeu entre os habitantes do velho continente.

Quem não conhece a avesita a que me refiro?

Ella faz seu ninho nos arbustos ou nas macegas, depositando n'elle tres ovos de cor de sepia com manchas cor de vinho. Quasi sempre entre aquellas ovosinhos se encontra um ovo maior, de cor branca, ali depositado pelo *virabosta* individuo fastidioso hospede despreoccupado e seu amor à prole, encarrega o pobre *ticotico* de trabalhos de incubação e alimentação de seu filho. Que carinhos, que trabalhos os pequenos pardaes dispensam ao filho adoptivo! Este, de muito maior porte, dentro em pouco terá expulso do ninho um dos seus irmãos de criação, tomará o seu lugar e participará mais uma vez da comida, isto é, receberá a que era destinado ao outro.

AUGUSTO LYRA.

Do norte do estado e acompanhado de sua exma. familia chegou ante-hontem, no vapor *Santos*, o nosso particular amigo Alvaro Gentil, a quem comprimentamos.

O lar de nosso amigo, Sr. coronel Candido José de Medeiros, esteve em festas no dia 4 do corrente, pelo justo motivo de seu anniversario natalicio.

Parabens.

## A NAU

Achei-me, um dia, sobre o verde oceano, sem mastros, sem velame, sem marujo. Em torno de mim, varias e diferentes naus fluctuavam: eu, presa a boia, sacudia-me, com o balanço que as ondas faziam.

Trabalhadores invadiram-me.

Dia e noite, o martello batia; construíam no meu bojo varios compartimentos; dividiram-me; depois fincaíram no meu peito mastros enormes, especies de cruzes; pintaram-me; fizeram-me garrida e, a pouco e pouco, fui-me sentindo afundar nas aguas calmas.

Um dia pela manhã homens armaram-me; abriram pannos em todas as vergas, teceram teias negras de cabo e correntes e subito um tropel de marinheiros invadiu-me e ouvi então, pela primeira vez, a canção da saudade.

Era forte e formosa—tinha dentes de aço, e o echo retumbante da minha voz era repetido pelos ares, longa e demoradamente—meu grito matava, meu balito era de fumo espesso.

Uma madrugada, senti que alguma cousa me repelia—eu tinha as velas pandas e lentamente fui singrando o mar pacifico, sereno e remansado.

Dentro de mim, palpitava como o constante tan-tan, meu formidavel coração de ferro.

Que bello dia o da partida!

Passei por entre alas de outras naus, orgulhosa como uma rainha, e fui-me fazendo ao largo. Ao cahir da noite densa, achei-me entre estrellas e aguas revoltas.

O oceano já não era o mesmo. Ondas cuspiam-me, ventos insultavam-me; a maruja, na faina, não parava e achei-me só, completamente só, na soledade tristissima de um mar tempestuoso.

De vez em vez, uma ilha apparecia, porém o vento inehando as velas, e um relógio que os homens consultavam faziam-me torcer involuntariamente o rumo. Ando no mar, ha muito tempo, velejando, velejando sempre, ancorando um dia num porto bonançoso, surgindo, ás vezes, em terriveis barras—entretanto, a agulha sempre a mostrar o Norte e a voz do commandante sempre—avante!

Tempestades me tem desmantellado, passam por mim rasgando as velas, morrem marujos de fadiga, outros deixam-nos ficar na esteira branca que vou deixando no caminho verde. Não sei para onde sigo... Avante! avante sempre!

Mal saio de um porto, outro procuro e ninguem mais pensa em mim. Buscam-me as tempestades e, ás vezes sinto saudade d'aquelle mar quieto e tão verde, onde vivi durante tanto tempo, armando-me para tão longa travessia.

E não poder tornar á quilha desarmada, pensando o que pensava; que o oceano era como a immensa bahia onde me fiz então forte e que as tempestades eram feitas com as brisas que me balançavam.

Hoje, que sou? pobre nau carregada—deixando mortos pelo caminho e tomando em cada porto um tardo novo e sempre a caminhar, velas ao vento, para o Norte fatal, de onde nenhuma embarcação voltou jamais.

## FOLHETIM

Teixeira e Souza

# MARIA

## A MENINA ROUBADA

sentou dinheiro para sua liberdade; Maria conveiu nisso, e aceitou pela liberdade delles a quantia de quatrocentos mil réis.

—Tão pouco! disse o juiz de paz.

—Maria não quiz mais do que isso, continuou o joven, porque era para a sua liberdade. A sra. d. Lordecene não quiz ficar com este dinheiro, não obstante Maria lh'o pedir, foi obrigada a guardal-o ella mesma. Tinha-me esquecido de dizer-lhe, que logo que o sr. Alfredo teve quatorze annos (tendo Maria doze por con eguinte), foi para o Rio de Janeiro estudar preparatorios, e só vinha para casa no tempo das ferias do Natal. Quando elle teve dezesete annos, resolveu-se a não se formar, e voltou para casa; tinha então Maria dezesete annos. Nesta idade diziam muita cousa della.

—Que cousa? ! ! !

—Trivialidades, senhor. Uns diziam que ella era formosa; outros, que era bella; estes, que era bem feita, aquelles, que era engraçada; aquelles outros, enfim, que era espiçosa, agil, dextra, forte, talentosa, etc., etc.

—Ella os acreditava?

—As moças, ainda as mais discretas, gostam sempre de louvores!

—Pelo que tenho ouvido, vós a conheceis, meu filho: como a achavais?

—Sou suspeito; porém ella me agradava.

—Bem. Continua.

—Tinha então o Sr. dezesete annos, e Maria dezesete. Desde que o Sr. Alfredo chegou, os seus brincos com Maria começaram a ser novos, e um tanto mysteriosos; o que, notado por Maria, começou tambem a evital-o; mas ou seja porque Maria gostasse dos brincos do sr. Alfredo, ou seja porque não o podesse evitar completamente, o certo é que o moço achava sempre occasião de lhe falar de amor, e algumas vezes elle e Maria chegaram a divagar sobre este ponto; Maria atvogando o consorcio, e Alfredo falando contra.

Maria, ao depois julgando melhor evitar discussões a este respeito, ou sorria-se, ou ficava muda, ou respondia por meio de evasivas. Um dia, porém o sr. Alfredo chegou a ser tão explicito e positivo que obrigou que a moça igualmente fosse: Maria disse-lhe pouco mais ou menos isto:

—Alfredo, elles se tratavam com familiaridade, eu não sei quaes são os vossos sentimentos a meu respeito... o que porém sei é que, vista a minha posição em casa de vossa boã e virtuosa mãe, eu não posso sair della snão com um marido.

—Ou continuar a viver nella casada, não é assim? perguntou Alfredo.

—Sim, respondeu Maria.

—Comigo? perguntou o moço.

—Ou com quem Deus me destinar, tornou ella.

—Comigo, não, Maria, disse Alfredo. É impossivel!...

—Alfredo, eu não vos comprehendo... explicaes vos, disse Maria...

—Como é que heide casar com vosco? tornou o moço. Quem sois vós? de onde viestes? quem são vossos paes? de que paiz sois? qual é o nome de vossa familia? Eu não me heide casar com uma...

—Vagabunda... acabe, sr. Alfredo, disse Maria curvando-se, e affectando nma mentirosa humildade, que era a expressão de altivez, ou a simulação do orgulho offendido, que se finge humilhado, porque se não pôde vingar, como a cobra offendida mas impossibilitada de vibrar seu dente.

—Sim, disse o sr. Alfredo. Já o dissestes, sim... Minha mãe já notou que eu gosto de vós, e disse-me que eu visse o que fazia; que ella não se impertava com cousa alguma que eu fizesse; mas que jámais consentiria que vós fásseis minha mulher... vêde pois...

Enquanto o sr. Alfredo assim falava, Maria, com com os braços cruzados diante delle, contemplava-o com soberania e desprezo. Depois consentindo que seus labios esmagassem entre elles uma parte desta injuria transformada em um sorriso ironico, disse:

—Então a sra. d. Lordecene disse isso?

—Sim..., disse, respondeu o sr. Alfredo tambem com um sorriso...

—Poi sr. Alfredo, sou tão grato a senhora sua mãe, que nem por isso lhe quero mal. Faça-me o obsequio de dizer-lhe que Maria rogára, Maria

Como a nau da ballada, eu tambem, cheio de aspirações, com as velas da esperança cheias, depois de me julgar bastante forte, fiz-me atrevidamente ao largo.

Frisos do oceano do carinho como vos transformastes em vagalhões de males!

Crenças, maruja d'alma, como vos deixamos ficar na esteira de lagrimas — unico rastro da nossa rapida passagem

Portos da phantasia, porque nos carregais a alma de illusões, para que, na hora de tempestade, alijemol-as todas no vortice das falsidades e dos desenganos!

Sigo tambem o rumo fatal, o Norte e o meu termo.

O Norte, o eterno paiz onde a esperança não desabrocha; auroras, onde não ha sonhos, onde não ha beijos; o eterno paiz da sombra, silencioso e opaco onde, em compensação, ninguem mais soffre.

E' para lá que caminho, por esse mar de procella, batido pelas tempestades de todas as agônias e de todas as desesperanças!

(Extr.) COELHO NETTO

### Gaúchadas

III

(Continuação)

A noite estava carma, a lua já passava Bem junto do capão.

O gallo no poleiro, mais uma vez cantava, E nessa hora morta ainda se lidava Em casa do Barão.

A casinha era um horror de casca sò de ovo E pennas de gallinha Na mesa um peru morto, adiente um taxo novo De mê, bem apinhado, servindo de estrovo No meio do cosinha.

Nhã Chica trabalhava de manga arregaçada Batendo um pão de ló, Em quanto que Sinh'Anna, n'um prato de quaiada Fazia muito bollo, da farinha penerada Que tinha no paio.

Depois, a retiraram ansim, já bem assado Do forno um leitão, P'ra junto do peru que estava rechiado, Em riba d'nm girau, depois de espetado Com roda de limão

Já era quasi hora do dia amanhecê; A lua tinha entrado. Na restinga os bugios estavam a se mechê, Bem junto do açude, no galho de ipê O sabiá cantava.

Foi entonse nessa hora que tudo se arrumou Na casa do Barão; Nhã Chica foi p'ro quarto e logo se deitou, E Sinh'Anna já cançada, na cama se apinchou P'ra ter um sonho bão.

A. G.L.

(Continuo).

### PARNASO

MOTE

O suspiro é a linguagem

Recebemos as seguintes

GLOSAS

Do bosque sob a ramagem soluça a rola de amor: d'este poema de dor o suspiro é a linguagem. Ah! como na soledade morre essa terna saudade sem um echo de affeição, vae-se no espaço perder o dolorido gemer do meu triste coração!

Brazilia Silca.

Dos teus olhos na voragem lançar-me quero, morena, da minha constante pena o suspiro é a linguagem, Porque te mostras esquiva, e te retrahes—sensitiva no meio da multidão? Ouve, o' linda, o teu cantor, escuta o hymno de amor que nasce do coração.

Dante.

Ouçõ dizer que é bobagem Suspirar a cada instante; Porém d'alma terna, amante, o suspiro é a linguagem Quer signifique saudade, Quer symbolise piedade, Ou profunda immensa dor, Não ha, pois contestação Que é o suspiro a expressão Mais eloquente do amor.

A.P.

Para o proximo numero temos o seguinte

MOTE

O trabalho nobilita

### Bazar

Chegando ao nosso conhecimento de que muitas são as prendas que se destinam ao Bazar em beneficio do Hospital de Caridade, que ainda se acham em confecção, resolvemos deixar de effectual-o a 7 do corrente mez, como havia-mos determinado, transferindo-o para epocha que marcaremos, quando julgarmos conveniente.

A comissão.

### SECÇÃO CHARADISTICA

A Itajiba

Eu sou maior—1 mas nada vejo—2 fujo da luz como o persevejo

ITAJEBA

LOGOGRIPO

A Theon Junior

Do claustro no silencio e quietação—1, 3, 10, 2, 3 Eu vivo, tendo o mundo abandonado; Um culto fervoroso a ti consagro, —10, 9, 2, 7, 11 Pois podes bem valer a um desgraçado.

Ah! quantas vezes passo meditando Debaixo das escuras arcarias;—1, 10, 7, 5, 3 Ouvindo as vozes ternas do instrumento Que geme tão saudosas melodias!—6, 8, 10, 4, 5

Outr'ora fui cavalleiro, Religioso tambem; Mas hoje tudo findou, Não me conhece ninguem

Polluc.

SOLUÇÃO á pergunta do numero 98.

Sendo:

m = 2, o numero pedido é 36 = 2x(3x6)  
m = 3, " " 24 = 3x(2x4)  
ou 15 = 3x(1x5)  
m = 6 " " 12 = 6x(1x2)  
m = 11 " " 11 = 11x(1x1)

THEON JUNIOR

RESPOSTA

Ha os seguintes numeros:

12, sendo m = 6  
15, " m = 3  
24, " m = 3  
36, " m = 2

Pantagruel.

Da pergunta — Póde ser o n. 24 e outros.  
Decifração do logogripho — Sarapatel

PETRARCHA

### PROBLEMA

Dois quitandeiros teem por junto 100 laranjas, e diz um d'elles: Cortando as minhas laranjas de oito em oito, tenho uma sobra de sete. Ao que responde o outro: Pois eu, contando as minhas de dez em dez, tenho a mesma sobra de sete.

Quantas laranjas tinha cada um d'elles?

Acha-se em villegiatura na visinha cidade de São José o nosso dedicado companheiro M. R. Rilla, tendo-se de antemão preparado os necessarios commodos no hotel da rua do FOGO.

### INDICADOR

### PILULAS PURGATIVAS

(Oleo de ricino composto)

ELYSEU & FILHO

AS UNICAS QUE NÃO PROVOCAM COLICAS

Para o seu uso não necessita resguardo

Duzia . . . 4\$000 | Vidro . . . 500 rs.

PHARMACIA E DROGARIA

Elyseu & Filho

DESTERRO

## ESPECIFICO AUREO DE HARVEY

O GRANDE REMÉDIO INGLEZ

### Cura infallivel

Cura rapida e radicalmente todos os casos de debillidade nervosa, impotencia spermatorrhèa, perdas seminaes, nocturnas ou diurnas, inchação dos testiculos, prostração nervosa, molestias dos rins e da bexiga, emissões involuntarias e fraqueza dos órgãos genitales.

Este especifico faz a cura positiva em todos os casos, quer de moços quer de velhos, dá força e vitalidade aos órgãos genitales, revigora todo o systema nervoso, chama a circulação do sangue para as partes genitales, e é o unico remedio que restabelece a saude e dá força ás pessoas NERVOSAS, DEBILITADAS E IMPOTENTES.

O desespero, o receio, a grande exitação, a insomnia e o desanimo geral desaparecem gradualmente depois do uso deste especifico, resultando o socorro, a esperança e a força.

Este inestimavel especifico tem sido usado com grande exito por milhares de pessoas e acha-se á venda nas melhores pharmacias e drogarias do mundo.

DIRECCÃO:

# HARVEY & C.<sup>A</sup>

247 EAST, 32-D STREET

NOVA-YORK — E. U. A.